

Autonetnografia e inserção *online*: o papel do pesquisador-*insider* nas práticas comunicacionais das subculturas da *Web*¹

Adriana Amaral²

O presente artigo introduz o conceito de autonetnografia, um dos níveis de indicação da proximidade na relação entre pesquisador e os sujeitos observados nas comunidades digitais. A partir desse norte conceitual, utilizado como elemento de reflexão na etnografia virtual, observa-se a figura do pesquisador-*insider* e seu papel para uma problematização de sua inserção no *online*. Por intermédio da observação participante dos processos comunicacionais e de sociabilidade dos integrantes da subcultura “electro-industrial”, aponto alguns usos, apropriações e consumo das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) –no contexto dos sites de redes sociais. Além de discutir o conceito de autonetnografia, o artigo revisa os procedimentos metodológicos da análise netnográfica e apresenta algumas de suas aplicações, além de propor um exercício de narrativa de cunho subjetivo como possibilidade de escrita adequada à análise das práticas de comunicação na *Web*.

Palavras-chave: cibercultura, metodologia, autonetnografia.

Autonetnography and online insertion: The role of the insider in subcultural communicational practices of the Web. The present paper introduces the concept of autonetnography as one of the levels that indicates proximity in the relations between the researcher and the informants observed on the digital community. From this theoretical framework, used as the basis of analysis of the virtual ethnography, the role of the insider is discussed towards an analysis of his/her online “entrée”. Through a participative observation of the communicational processes and the sociability of the participants of the “electro-industrial” scene some uses, appropriations and consume of Information and Communications Technologies (ICT) used on the social network sites are emphasized. Besides a conceptual discussion of autonetnography, this paper also revises the methodological procedures of the netnographic analysis, describing some of its applications. It also proposes the exercise of a subjective-point-of-view narrative as a possibility of suitable scientific writing to the analysis of the *Web* communication practices.

Key words: cyberculture, methodology, autonetnography.

Cet article introduit la notion de autonetnographie, une indication des niveaux de proximité dans les relations entre le chercheur et l'objet observé dans les communautés numériques. De ce point théorique, utilisé dans le cadre de la méthodologie virtuelle de l'ethnographie, je part de la la figure du chercheur-initié et de son rôle pour une problématisation de son inscription en ligne. Grâce à l'observation des participants des processus de communication sociale et des membres de la sub-culture “électro-industrielle” font l'objet certaines utilisations, les crédits et la consommation des TICs dans le contexte des sites de réseaux sociaux. En plus de discuter la notion de autonetnographie, l'article passe en revue les procédures d'analyse méthodologique netnographique, présentant certaines de ses applications, et propose un exercice de narration de timbre subjectif quant à la possibilité d'écrire une analyse convenable des pratiques de communication sur le Web.

Mots-clés: cyberculture, méthodologie, autonetnographie.

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociabilidade”, do XVII Encontro da Compós, na UNIP, São Paulo, SP, em junho de 2008.

² UTP – Paraná. E-mail: adriamaral@yahoo.com.

Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa em curso sobre as práticas comunicacionais, usos e apropriações das ferramentas tecnológicas pelos participantes das cibersubculturas (Amaral, 2007b, p. 21) de “música eletrônica alternativa”³ brasileiras. O texto é uma narrativa, empírico-descritiva que reflete sobre os limites, possibilidades e dificuldades do pesquisador-*insider* (Hodkinson, 2005) dentro da observação participante nas subculturas que se desenvolvem na Internet e que possuem uma grande dependência das tecnologias, desde sua gênese, designadas como cibersubculturas (Bell e Kennedy, 2000; Casparly e Manzenreiter, 2003).

Nesse contexto teórico-metodológico, o objeto deste artigo é a própria discussão acerca da autonetnografia como reflexão sobre a posição do pesquisador no domínio das subculturas da *Web*. O objetivo principal, neste âmbito, é recuperar práticas e protocolos metodológicos que tenho experimentado ao longo de minhas pesquisas. As estratégias de inserção no *online* como pesquisadora e participante de uma subcultura em especial trazem problemáticas que precisam ser enfrentadas, desde a familiarização com as próprias plataformas digitais, até o tipo de entrevista proposto com os informantes. É nesse sentido que este texto indica mais questionamentos e dúvidas do que respostas prontas a esse enfrentamento cotidiano da investigação.

Este posicionamento não indica a autonetnografia como uma proposta de método, tampouco pretende responsabilizar-se por “armadilhas epistemológicas” que possam decorrer de uma mera legitimação de conhecimento pessoal. A autonetnografia é aqui compreendida como uma ferramenta reflexiva que possibilita discutir os múltiplos papéis do pesquisador e de suas proximidades, subjetividades e sensibilidades na medida em que se constitui como fator de interferência nos resultados e no próprio objeto pesquisado. Essa ferramenta também é focalizada e compreendida como possibilidade de relato escrito em

primeira pessoa, na qual elementos autobiográficos do pesquisador ajudam a desvelar diferentes contornos e enfrentamentos do objeto de pesquisa em um fluxo narrativo de cuja análise sujeito e objeto fazem parte.

No que diz respeito ao desenvolvimento de tal empreitada netnográfica⁴ (Mason, 1996; Kozinets, 2002, 2007; Sá, 2002; Montardo e Rocha, 2005; Montardo e Passerino, 2006) ou de etnografia virtual (Dicks e Mason, 1998; Hine, 2000, 2005; Strangelove, 2007), apresento, neste artigo, apontamentos sobre minha própria experiência de pesquisa, como pesquisadora-*insider*, descritos por meio da técnica de autonetnografia, e com uma organização em três etapas:

(a) resgate dos procedimentos metodológicos da netnografia e algumas de suas aplicações no caso estudado;

(b) discussão conceitual da autoetnografia enquanto uma forma de observação participante⁵ que leva em conta a subjetividade e a própria narrativa biográfica do pesquisador (Wall, 2006) e sua transição para uma autonetnografia (Kozinets, 2007) como um dos pontos mais extremos da equação entre observador e informantes dentro das comunidades virtuais analisadas;

(c) um breve exercício autonetnográfico que discute minha inserção enquanto pesquisadora-*insider* na subcultura “electro-industrial”, a partir dos usos e das apropriações de Sites de Redes Sociais, SRS (Boyd e Ellison, 2007), entre outras ferramentas.

A proposição central deste artigo concentra-se justamente no papel do netnógrafo que se engaja na aplicação de multimétodos (Kozinets, 2007) passíveis de serem adotados ao fazer a opção pela etnografia virtual. Nesse contexto, é preciso pensar nas dificuldades e facilidades do acesso às informações, nos diferentes valores e experiências vivenciadas pelo pesquisador e na sua competência cultural (Hodkinson, 2005). O reflexo disso aparece tanto em seus relatos de pesquisa quanto nas trocas *online* e *offline* com os membros da subcultura e a influência destes nessa “vivência epistemológica”.

³ Para não sair do escopo do texto, e meramente para fins didáticos, utilizo aqui a definição da lista *Rejekto*, como sinônimo de “música eletrônica underground em suas mais variadas formas e tendências tais como EBM, industrial, *synthpop*, *electro*, *minimal synth/electro*, *techno*, *new beat* e afins”.

⁴ O termo netnografia tem sido mais amplamente utilizado pelos pesquisadores da área do marketing e da administração, enquanto o termo etnografia virtual é mais utilizado pelos pesquisadores da área da antropologia e das ciências sociais. Uma vez que o objetivo desse artigo não está nas distinções e semelhanças entre os dois termos, esclareço que estou utilizando ambos como sinônimos.

⁵ Entre os objetivos deste texto, não está traçar um mapeamento das transformações que a etnografia vem sofrendo ao longo de sua história e de seus usos, embora essa noção de contexto histórico seja importante para a compreensão da autoetnografia, dentro dos processos de observação participante. Para um aprofundamento sobre a evolução da etnografia, antropologia urbana e comunicação, ver Caiafa (2007).

Minha percepção conceitual sobre as Tecnologias de Comunicação e Informação as compreende como artefatos culturais (Hine, 2000, 2005; Shah, 2005; Espinosa, 2007) passíveis das apropriações e das reconfigurações de seus usuários. Hine (2000) descreve a Internet como um artefato caracterizado pela dispersão da produção e do consumo do discurso entre suas múltiplas localidades, chamando atenção para os diferentes significados dos distintos contextos culturais e para as negociações sociais decorrentes entre o desejo humano de comunicação e os seus processos técnicos (Hine, 2000, p. 33).

Assim, observo as tecnologias como parte desse tracejado cultural humano:

Um artefato cultural, para evitar qualquer confusão, pode ser claramente definido como um repositório vivo de significados compartilhados e produzidos por uma comunidade de ideias. Um artefato cultural é um símbolo de comunhão (no sentido não violento, não religioso da palavra). Um artefato cultural se torna infinitamente mutável e gera muitas auto-referências e narrativas mutuamente definidoras mais do que cria uma narrativa mestra linear (Shah, 2005).

Tal definição “representa a oportunidade de uma aproximação do contexto sócio-histórico de apropriação dos artefatos tecnológicos a partir do olhar subjetivo dos próprios atores que interatuam com as TICs” (Espinosa, 2007, p. 272).

Revisão dos procedimentos metodológicos da netnografia

O etnógrafo não é um simples voyeur ou um observador desengajado, mas é, em certo sentido, um participante compartilhando algumas das preocupações, emoções e compromissos dos sujeitos pesquisados. Essa forma ampliada depende também da interação, em um constante questionamento do que é possuir uma compreensão etnográfica do fenômeno (Hine, 2000, p. 47).

Kozinets (2007) recupera os quatro procedimentos básicos de metodologia da netnografia e acrescenta novas possibilidades de pesquisa – não tão novas, mas que não

foram previstas em seus textos anteriores, pois, segundo ele, “enquanto a Internet continua a crescer, essas técnicas se tornam até mais relevantes para audiências gerais e para as compreensões contemporâneas, e quaisquer mudanças feitas para serem adaptadas ao ambiente digital podem apenas servir para deixá-las mais úteis” (Kozinets, 2007, p. 6). Tais procedimentos são:

- (a) *entrée* cultural;
- (b) coleta e análise dos dados;
- (c) ética de pesquisa;
- (d) *feedback* e checagem de informações com os membros do grupo.

As etapas não ocorrem necessariamente nessa ordem (à exceção da *entrée* cultural que é, logicamente, a primeira inserção), mas se fundem e se sobrepõem (Kozinets, 2007). No decorrer de minha pesquisa, tenho vivenciado tais sobreposições e interferências dentro das quais os procedimentos acontecem de forma interligada.

A *entrée* cultural nos sites de redes sociais e outras plataformas

Composta pelas primeiras inserções ao campo, minha *entrée* cultural ocorreu de forma tranquila. Crédito esse fato não apenas ao meu prévio *background* como entusiasta da subcultura mas também ao meu intenso uso da Internet desde a metade dos anos 90, tanto para fins acadêmicos, quanto profissionais e de entretenimento. Não trato aqui das inserções *offline* em encontros presenciais como festivais e shows, embora saliente que a maior parte deles ocorreu após as conversações *online*.

As dificuldades enfrentadas por Markham (1998), em relação ao aprendizado de uso das TICs como *download* e instalação de programas, e mesmo em conversações com os informantes mediante comunicadores instantâneos e da própria dificuldade de acompanhamento das trocas de mensagens, como as apontadas pela autora, não têm acontecido no curso de minha pesquisa. As interações mediadas entre o pesquisador e o informante acontecem através dos próprios perfis *online* da pesquisadora dentro das plataformas.

Merecem registro um estranhamento inicial com a plataforma *Last.fm* e algumas dificuldades e falta de paciência/tempo com a construção de perfil no *MySpace* – ainda em fase de reconstrução – e uma certa decepção com o *Facebook* – pouco utilizado pelos membros da subcultura em questão. Este foi construído ainda em 2004, por motivos acadêmicos, nos EUA. Tais estranhamentos com

as plataformas⁶ possivelmente ocorreram devido a dois motivos, basicamente: (a) usabilidade não-amigável no caso do *design MySpace* e falta de tempo de uso da ferramenta para a construção do perfil, que requer um investimento de tempo maior; (b) poucas comunidades e amigos adicionados no *Facebook* devido à pouca popularidade da ferramenta no Brasil (é importante anotar que seu crescimento aconteceu alguns meses após o término da redação deste artigo).

Além disso, os elos e as interações em diversos blogs – tanto meu blog pessoal e o blog projetodmonia quanto os blogs de alguns participantes da subcultura do Brasil e de Portugal – realizaram-se por meio da coprodução de *links* (Forte, 2005) e das trocas de comentários e posteriores adições no *flickr* e no *Orkut*⁷. “Essa coprodução é entendida aqui no sentido da inspiração dos escritos antropológicos sobre etnografia em múltiplos lugares, um processo de produção em conjunto disparada por vários atores sociais que pode abranger os hyperlinks como suas expressões” (Amaral, 2007a, p. 236).

Percebe-se, também nessa inserção, que o formato blog, além de ser um artefato cultural, de um espaço de conversação e de um diário pessoal, entre outras atribuições conceituais, mostra-se como algo mais do que uma possibilidade de análise netnográfica, como apontam Montardo e Passerino (2006). Constitui, portanto, uma ferramenta etnográfica digital frequentemente indicada para diário de campo metodológico, como concluem os estudos de Ward (2006).

Os blogs a que me refiro são os seguintes: (a) <http://palavrascosas.blogspot.com>, construído em agosto de 2005 após o encerramento de dois blogs pessoais anteriores, *ladya* (entre 2002 e 2004) e *terminalidentity* (blog de minha vivência e do “doutorado sanduíche” nos EUA, entre 2004 e 2005); (b) <http://projetodmonia.blogspot.com>, construído em 29/01/2007, primeiramente como elemento de divulgação de uma festa e, posteriormente, com a função de uma espécie de bloco de notas/diário de campo que se transformou em um blog coletivo da cena de Curitiba.

A prática do *microblogging* (postagem de micro-conteúdos), principalmente via *Twitter*⁸, tem possibilitado um amplo espectro de apropriações, usos comunicacionais e de processos de sociabilidade como transferência e compartilhamento de informações, *downloads* de álbuns e

canções, notícias sobre os estilos musicais, bandas, shows, DJs, festas, vídeos no *Youtube* (www.youtube.com) etc; acompanhamento (com os processos de adição dos *followers* dos perfis, que são outros perfis que acompanham/seguem as atualizações individuais) dos acontecimentos pessoais dos participantes – aproximando mais alguns com afinidades extramusicais – por exemplo, livros, filmes –, demonstrando questões identitárias de pertencimento como gosto musical (a partir das músicas que estão sendo ouvidas), de moda e de outros comportamentos afins. Um exemplo são as constantes atualizações das fotos dos perfis e os comentários que os acompanham sobre as referências ao visual da subcultura em questão (por exemplo: um participante do sexo masculino mudou a foto do seu perfil para uma foto com cabelo moicano e visual militarizado, bastante indicativo da subcultura EBM/industrial. Tal fato foi comentado por vários dos *followers* do participante).

Em relação às práticas de conversação nos comunicadores instantâneos, elas são geralmente compostas por conversas mais elaboradas sobre o histórico da “cena”, além de todo tipo de reclamação sobre a falta de shows, etc. É importante observar que os comunicadores mais utilizados são basicamente o MSN e Gtalk, embora alguns ainda mantenham a conta de ICQ, segundo relatado à pesquisadora, muito mais por uma questão de demonstrar uma “antiguidade em termos de rede”, uma vez que o ICQ era mais utilizado nos anos 1990.

Coleta e análise de dados

A coleta de dados é feita basicamente por meio de *download* e cópia de arquivos, *sites* etc, todos organizados em pastas distintas por ano/comunidade no PC. Além disso, também são arquivadas mensagens e eventuais conversas e entrevistas feitas via Gtalk ou MSN. Ainda não utilizei o Skype para entrevistas, embora possa ser uma possibilidade interessante. Outra forma de arquivamento é permitida pela utilização dos *posts* dos blogs, todos disponíveis *online*. Em caso de algum dos informantes encerrar seus perfis ou blogs, utiliza-se uma lista com os e-mails pessoais para eventuais contatos.

⁶ *MySpace*, *Facebook*, *Last.fm*.

⁷ Respectivamente disponíveis em <http://flickr.com/adriamaral> e <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=15166985870980875706>.

⁸ A ferramenta de *microblogging Twitter* surgiu em 2006 e funciona como um misto de mensageiro instantâneo, sistema de publicação. Está disponível em <http://twitter.com/adriamaral>. Para outras considerações sobre *microblog*, ver Zago (2008).

Além disso, uma das características da comunicação em rede é essa possibilidade do desaparecimento e da perda de dados. E, embora haja formas de recuperação, a idéia de memória viva (Casalegno, 2006) em que os dados podem ser perdidos e/ou recuperados endossa a idéia das TICs como artefatos culturais, sistemas e redes em constante mutação e auto-organização. A etapa da análise dos dados ainda não foi realizada e está prevista para o próximo ano.

Ética de pesquisa

Desde o princípio desse mapeamento, a partir de 2006, sempre informei a todos os participantes da subcultura a respeito do trabalho de investigação, em conversas *online* ou via e-mail ou por meio de outra forma de interação. Mas, para formalizar a questão, há uns três meses, enviei um e-mail coletivo para as listas *rejekto* e *synthetique*, informando a todos a respeito da pesquisa. Recebi umas três ou quatro respostas de participantes, colocando-se à disposição para responder a questionários e para colaborar com outras ações.

Outro aspecto relevante é o da autorização da divulgação dos nomes, dos endereços de blogs etc (normalmente, peço-a ou por e-mail ou por comunicador instantâneo). Até agora todos os informantes que entrevistei enfatizaram que não havia nenhum problema em divulgar o nome e o endereço do blog/perfil/site etc.

Feedback e checagem de informações com os membros do grupo

O *feedback* do pesquisador com os informantes e com os participantes da subcultura tem acontecido constantemente tanto no plano *online* como no *offline*. Em alguns eventos sociais, alguns participantes comentam os artigos e dados. No *online*, o *feedback* acontece de várias formas. Primeiro, há o processo de publicação e divulgação dos dados. Frequentemente, artigos são publicados em revistas científicas – de preferência *online* e de acesso aberto – ou em *webzines* e sites de música nas listas, comunidades no Orkut, blogs, entre outros.

Um dos procedimentos que adotei para facilitar e aumentar esse trânsito de informações é o de, após publicar um artigo em uma revista científica, resumi-lo e

transformá-lo em artigo menos acadêmico, empregando uma linguagem mais simples e acessível, como feito, por exemplo, no *webzine Overclock*, disponível em <http://www.overclockzine.blogspot.com>.

Outro detalhe diz respeito a alguns relatos jornalísticos ou resenhas de shows publicados em uma coluna que mantenho no site *Poabeat* (<http://www.poabeat.com.br>). Embora sejam textos de cunho meramente informativo/jornalístico e voltados para a música em si, creio que há ali resíduos de observações do campo que podem funcionar como dados empíricos valiosos para uma posterior análise.

A postagem desses textos e *links* parte de duas vias: do pesquisador e dos próprios membros do grupo, normalmente os informantes ou aqueles com maior proximidade. Após essa publicação e divulgação, normalmente recebo comentários nos blogs, *scraps* no Orkut, comentários em conversas no MSN e, por vezes, alguns e-mails mais detalhados os quais tecem elogios, mas, às vezes, até críticas. Estas costumam focalizar discordâncias ou detalhes e indefinições históricas sobre determinado gênero ou subgênero musical.

Usualmente, respondo às mensagens, verifico as informações e tento corrigir ou alterar alguns dados – quando pertinentes e, principalmente, de cunho histórico – em função dessas críticas. Além das trocas de informações, direto com a pesquisadora, houve divulgação do texto em portais informativos ligados à cena. Esse foi o caso do portal Fiberonline (www.fiberonline.com.br), ao comentar o lançamento da terceira edição do fanzine *Overclock* em uma retroalimentação entre mídias e discursos:

[...] Entre alguns dos destaques do conteúdo do *Overclock* estão o polêmico HansenHarryEBM com ácidas pinceladas em personagens do mainstream musical brazuca como Lacaia, Tati Quebra-Barraco, Céu e Maria Rita, coberturas de shows, resenhas de discos e um texto de alta relevância sobre a cena *electro-industrial* na net, escrito pela doutora em comunicação Adriana Amaral, autora do livro “Visões Perigosas” e uma incansável pesquisadora do universo da *cibercultura* (Depeche, 2007, grifo da autora).

Embora não esteja discutindo aqui a velha dicotomia *mainstream* versus *underground*, é importante perceber, ao observar o grifo na citação acima, o quanto esse discurso ainda permeia os textos, as conversas, as reportagens jornalísticas dos veículos especializados, como aqui se nota. A questão da alteridade, do modo de ser do outro, continua presente, mesmo na imensidão do

ciberespaço subcultural, que deixa bem claro seus limites e suas fronteiras para os estrangeiros.

Para finalizar este item, tanto o *feedback* quanto a posterior checagem de informações no *online* são formas ricas de exploração das trocas entre pesquisador e participantes. Tais formas potencializam ainda mais os níveis de proximidade e a disseminação dos dados da pesquisa, além da possibilidade de alterações e correções de detalhes que, à primeira vista, também possam não ter ficado claros ao pesquisador.

Após esta breve recapitulação dos procedimentos metodológicos da netnografia, a partir de exemplos de minha própria pesquisa, segue o estudo das relações entre a produção de conhecimento e o papel do pesquisador-*insider* no contexto subcultural das redes. Também aponto a auto-netnografia como uma das formas de narrativas possíveis de serem utilizadas para a divulgação científica dos dados.

A autonetnografia como possibilidade de relato narrativo do *insider*

A comunidade científica está relativamente confortável com o conceito de reflexividade, no qual o pesquisador pausa por um momento para pensar sobre a sua presença, ponto de vista, ou características que podem ter influenciado os resultados do processo de pesquisa (Wall, 2006, p. 3).

Uma das preocupações centrais do presente *paper* encontra-se nas possíveis influências do pesquisador nos resultados do processo de pesquisa, uma vez que minha experiência netnográfica possui um elevado nível de proximidade e interação com os participantes da subcultura analisada, já que mantenho meus perfis *online* como parte dos procedimentos de pesquisa.

Indico, aqui, a tentativa de efetuar uma separação, mesmo que meramente didática, e de esforço metodológico, entre a instância do *insider* e da pessoa do pesquisador. Novamente saliento que as análises e descrições nesse artigo estão calcadas no *online*, embora esse constante circuito *online-offline-online* faça parte da dinâmica da netnografia, como aponta Hine (2005).

Da autoetnografia à autonetnografia - narrativa e experiência

De acordo com Kozinets (2007, p. 15), as “netnografias podem variar ao longo de um espectro que vai desde ser intencionalmente participativa até ser completamente não-obstrusiva e observacional”. O autor sugere o conceito de autonetnografia para o maior nível de proximidade entre o pesquisador e os sujeitos observados, proporcionando imersão, internalização, consciência de alteridade e engajamento nas comunidades. Ele cita, entre outros exemplos, algumas de suas pesquisas nas comunidades *online* de fãs do seriado *Star Trek*, do qual ele era fã e intenso participante nos tópicos postados. Não trato aqui da ideia do acadêmico (pesquisador)-fã (Jenkins, 1992), mas é interessante estabelecer uma problematização entre essas categorias.

O conceito de autonetnografia de Kozinets (2007) está amplo demais, pois não passa de uma mera transposição para a inserção no *online* do conceito de autoetnografia, caro à antropologia e às ciências sociais como uma forma narrativa que “obtem sua autoridade através de uma conceitualização estreita do projeto autobiográfico. Essa relação difícil com a experiência conecta o impulso autoetnográfico para distinguir ele mesmo de uma autobiografia” (Reda, 2007).

De acordo com Wall (2006, p. 6),

o que pode ser aprendido sobre método em autoetnografia é que ela varia amplamente, partindo de altamente introspectiva, através de aproximações mais familiares, conectadas com a pesquisa qualitativa, com alguns métodos literários experimentais⁹, pelo menos em termos de escrita enquanto pesquisa.

Para a autora, a autoetnografia é menos um método e mais uma validação do conhecimento pessoal mediante o valor social e científico dessa busca (Wall, 2006, p. 6). Em relação às críticas e à validade do método, ela aponta que alguns teóricos consideram o formato muito narcisista e passível de autoindulgências, além de muitas vezes criticarem a falta de sistematização e rigor metodológico nas narrativas. A autora rebate algumas dessas críticas, ao

⁹Para uma compreensão mais aprofundada dos modos literários experimentais de autoetnografia, ver Lionnet (1989).

falar sobre a cautela necessária ao utilizar o método, para que “não sejam adotadas abordagens de modo acrítico” (Wall, 2006, p. 11).

Há uma série de trabalhos interessantes utilizando a autoetnografia (Russel, 1999; Muncey, 2005; Wall, 2006; Chang, 2007, entre outros). Destaco, entretanto, o trabalho de Espinosa (2007) como um relato autonetrnográfico de pesquisa, especificamente por ter sido produzido sob as condições proporcionadas pelas TICs.

Espinosa (2007) analisa alguns dos principais usos e formas de consumo das TICs em seu cotidiano, bastante influenciado pela leitura de ficção-científica, pela música industrial, pela cultura *cyberpunk* e pela manutenção constante de *websites*. Para além do objeto de pesquisa do autor, e de uma história bastante similar à minha, o texto oferece uma discussão mais clara acerca dos motivos pessoais da inserção do pesquisador no ambiente *online*, e descreve as dificuldades e as aberturas em cada uma das etapas da pesquisa.

Pesquisador-*insider* – benefícios e dificuldades

Neste caminho reflexivo, optei por adotar o conceito de pesquisador-*insider* conforme descrito por Hodkinson (2005, p. 134). O texto de Hodkinson (2005) é fundamental para compreender os aspectos biográficos do próprio pesquisador em sua trajetória de pesquisa, uma vez que possui elementos fortemente autonetrnográficos e autoetnográficos – pois trata tanto das incursões *offline* quanto *online* do autor na subcultura gótica.

Esse artigo utiliza a noção de pesquisa feita por insider enquanto um conceito não-absoluto intencionado para designar aquelas situações caracterizadas por um grau significativo de proximidade inicial entre as locações socioculturais do pesquisador e do pesquisado (Hodkinson, 2005, p. 134).

Essa adoção não está isenta de eventuais subjetividades, valores e parentescos de experiências de pesquisa. Tal qual o autor britânico, também comecei a me engajar em atividades subculturais na adolescência, “em busca

de pertencimento, distinção e status, e através dos anos ela tem mantido um papel central no meu senso de *self*, gostos culturais, hábitos de consumo e padrões sociais” (Hodkinson, 2005, p. 136).

Assim como ele, “compartilho com os outros participantes um compromisso e fruição da música, estilo e atividades que são vistas como centrais ao sistema de valor do grupo” (Hodkinson, 2005, p. 136). Além disso, em uma visita ao *website* do autor, descubro que ambos somos DJs¹⁰ em nossas respectivas cenas e localidades.

Esse fator – que talvez aparecesse apenas no diário de campo e não figurasse no relato dos resultados de pesquisa – no exercício autonetrnográfico, torna-se um dado relevante que pode gerar uma série de questionamentos e problematizações acerca da própria alteração da percepção do pesquisador em relação ao objeto de estudo, apesar dos níveis de distanciamento e de alerta (Hodkinson, 2005, p. 132) a que se deve estar atento.

A condição biográfica de insider é valorizada, em regra, como um bem em si mesmo, sem que sejam devidamente problematizadas as possíveis vantagens e armadilhas teóricas e metodológicas desta posição inicial de proximidade subjetiva com a cultura e os indivíduos sob o escrutínio acadêmico (Freire Filho, 2007, p. 91).

Aponte, inicialmente, alguns benefícios dessa posição de *insider*, no entanto, indico, agora, seguindo a sugestão de Freire Filho na citação acima, algumas desvantagens e possíveis confusões epistemológicas que podem gerar interpretações dúbias acerca dos processos de comunicação e sociabilidade que ocorrem no âmago das formações subculturais em seu contexto *online*.

Segundo Hodkinson (2005, p. 144), para os *insiders*,

há um perigo no qual eles podem ser direcionados, para interpretações problemáticas pelos respondentes que, através de desonestidade, exagero ou especulação oferecem relatos confusos ou não-representativos das suas próprias experiências ou das de outras pessoas.

Esses relatos apresentam-se de forma bastante complexa, uma vez que já observei contradições entre informações advindas de informantes paulistas e informantes cariocas. Tais divergências, de cunho muito

¹⁰ O pesquisador possui inclusive um codinome para tal atividade exercida no ambiente subcultural, DJ Spurious; fato bastante comum no emaranhado léxico das cenas.

mais cultural/geográficas – devido à configuração *offline* das distintas cenas, ainda precisam ser investigadas com maior ênfase.

Um grande retardador do processo de pesquisa reside justamente no fato de que, para o *insider*, as entrevistas feitas via Comunicador Instantâneo (CI) demoram um longo período para chegarem aos pontos mais centrais e relevantes para os objetivos da investigação. Por ser uma participante relativamente ativa na subcultura, levo uma boa parte do tempo “conversando” sobre amenidades da cena como lançamentos de músicas, livros ou discussões opinativas por própria sugestão dos informantes ou mesmo minha.

Muitas vezes, quando a conversa chega às questões mais controversas, o entrevistado ou o próprio pesquisador precisa sair do computador. Em vista disso, são normalmente conversas bastante longas e, por vezes, fragmentadas em vários dias. Essas trocas verbais têm retrocessos e avanços por intermédio de outras ferramentas tecnológicas de conversação *online*, em um movimento multiplataforma, como, por exemplo, a troca de *scraps* no Orkut ou de mensagens via Twitter.

A questão temporal indica também mais uma dificuldade: o excesso de indicações, recomendações e sugestões musicais e de vídeos compartilhadas pelos integrantes da cultura. Não há tempo hábil para olhar a maior parte do material enviado, o que pode fazer com que muito rapidamente um *insider* vá perdendo seus níveis de proximidade e *status*, uma vez que a música é ainda o mais importante laço da subcultura electro-industrial.

A abundância informacional da era das recomendações (Anderson, 2006) e de possibilidades transparece até mesmo na fala de um dos entrevistados.

Muitos usam MySpace para ter contato com outras bandas. o Last.fm para ter contato com outras pessoas que escutam música eletrônica. mas muitos só usam Orkut ou Fotolog e esses consomem mais as informações geradas por aqueles que usam outras redes ou mais a tecnologia. como acompanhar outros fóruns, listas, RSS, sites etc¹¹.

Por fim, outra complicação percebida está relacionada ao gênero. Por ser uma subcultura de predominância essencialmente masculina, o fato de haver uma *insider*

do sexo feminino analisando as interações dentro dos grupos pode atrapalhar esses processos. Lembro-me de uma discussão interessante a respeito de homens de 30 anos e suas preferências por mulheres mais novas (em um tópico de discussão do aniversário de um dos integrantes da lista *rejekto*). A partir do momento em que teci um comentário em tom de brincadeira e uma espécie de reprimenda sobre o assunto, ele foi encerrado rapidamente, talvez numa tentativa de gerenciamento de conflitos por parte dos rapazes.

“Confissões teóricas” no caminho das considerações finais

Dar-se como uma coisa que sente e agarrar uma coisa que sente, esta é a nova experiência que se impõe ao sentir contemporâneo, experiência radical e extrema (Perniola, 2005, p. 21).

Ao longo da narrativa autonetnográfica discutida neste artigo, refleti sobre a utilização dessa técnica/método/forma narrativa – parte indissociável do processo de etnografia virtual (Hine, 2000, 2005) – a partir das experiências pessoais que estão em desenvolvimento em minha pesquisa mediante os usos, as apropriações e os consumos *Web* – em diversas plataformas sociais por parte dos membros da subcultura electro-industrial. Em um primeiro momento, com base na revisão de quatro procedimentos metodológicos da netnografia feitos por Kozinets (2007), apresentei alguns exemplos de interações e práticas de comunicação e sociabilidade desses participantes em *sites* de redes sociais como *Last.fm*, *MySpace*, *blogs*, *microblogs* etc.

A multiplicidade de redes sociais geradas a partir desses *sites* e dessas plataformas complementa e pontua as interações e trocas informacionais – nas quais a troca de *links*, comentários e leituras de *RSS/Feeds* de *blogs*, revistas e *webzines* adquirem um elevado *status* – entre os seus membros, entre os quais eu me incluo. Nesse ponto, abro um espaço para contar brevemente minha introdução

¹¹ Cauê Nicolai, 30 anos, *webdesigner*, moderador da lista *rejekto* e dono do blog <http://www.mentecapto.com>. Depoimento colhido através de entrevista via C.I. Gtalk (*Google Talk*) em 27/01/2007.

nessa subcultura, embora algumas pistas tenham sido descritas desde o início desse relato.

Assim, a caminho da finalização deste artigo sobre possíveis usos da autonetnografia e os desafios propostos ao pesquisador-*insider*, emito uma breve discussão narrativa autonetnográfica, em um procedimento metodológico que aprecia “cada coisa a partir de sua própria lógica, de sua coerência subterrânea, e não a partir de um julgamento exterior que dita o que ela deve ser” (Maffesoli, 1999, p. 143-144).

É importante enfatizar novamente que minha compreensão da autonetnografia também considera a possibilidade de uma narrativa escrita em primeira pessoa na qual meus próprios dados autobiográficos são pertinentes já que constituem marcação subjetiva e influência (positiva e negativa) no processo epistemológico da vivência da própria pesquisa e dos contornos enfrentados em relação ao objeto.

Assim, minhas inserções, sejam elas na própria configuração de um perfil em uma plataforma de rede social e percepções acerca do objeto de pesquisa e das discussões sobre este acabam refletindo, por vezes, a visão de *insider*. Esse fato pode, em certos momentos, obnubilizar aspectos importantes da análise, como trazer luz às questões de difícil compreensão aos *outsiders*, principalmente em relação às noções de subgêneros musicais e sua ligação com as hierarquias de “saber”, por exemplo.

Conforme relatado, minha inserção em diferentes subculturas aconteceu ainda na adolescência, quando participei de subculturas como *hardrock/heavy metal*, gótica e *clubber* em minha cidade natal, durante o final dos anos 1980 e na década de 1990. Não imaginava que tal conhecimento empírico e sensível das culturas do *underground* – normalmente classificadas pelo senso comum, como “fúteis”, “perda de tempo” e “coisas de adolescente” – fariam parte de discussões teóricas.

Minhas preferências estéticas, literárias, cinematográficas, e, especialmente, musicais, sempre me guiaram pelas subculturas de cunho mais obscuro e/ou de sons mais agressivos e dos desdobramentos do gótico, conforme descrevem Hodgkinson (2002), Baddeley (2005), entre outros; assim, me interessei pela música industrial e seus subgêneros. Nesse período, início da década de 1990, as informações chegavam com atraso ao Brasil, em relação à Europa e aos Estados Unidos, ainda dependentes das mídias massivas e especializadas como jornais e revistas. Durante os anos de graduação, comeci a participar desses circuitos na posição de repórter e jornalista de música, posição que, assim como a do *insider*, também é, por si

só, bastante conflituosa e vulnerável a confusões geradas a partir das relações entre críticos-fãs e músicos.

Mas somente a partir de meus usos da Internet, em seus primórdios no Brasil (por volta de 1994/1995) voltei a entrar em contato com a subcultura industrial, buscando informações e trocando idéias com outros participantes, mesmo com usos limitados como e-mails, listas de discussões, IRCs e *chats*.

Durante os anos de pós-graduação, minha participação diminuiu e cheguei a me desligar de vários grupos dos quais participava, embora tenha focado minha dissertação de mestrado na figura dos fãs, e com um estudo de caso de uma lista de discussão.

As atividades intelectuais são aí incessantemente parasitadas e estimuladas por desordens e ruídos, fantasias, sonhos, imaginações, delírios; que a emoção, a paixão, o prazer, o desejo, a dor fazem parte do próprio processo de conhecimento (Morin, 1999, p.121).

Contudo, foi durante o doutorado que minha reinserção na cena aconteceu efetivamente. Assim como a obra de Espinosa (2007), a forte influência da Ficção Científica e da cultura *hacker* e *cyberpunk* (objeto da minha tese) que a música industrial e sua subcultura, nessa época, já sedimentada no exterior e com núcleos espalhados pelo Brasil, voltou à tona em minhas pesquisas e vivências.

Embora uma pesquisa etnográfica tenha sido descartada dos objetivos da tese, fiz inserções e participei ativamente da cena da Nova Inglaterra durante o período de meu doutorado-sanduíche nos EUA. Depois disso e a partir das primeiras publicações sobre o assunto, os próprios participantes das distintas comunidades começaram a entrar em contato por meio de e-mails, de comentários no meu *blog* pessoal ou de outros modos. A partir de 2005, dediquei parte de meu tempo livre a discotecagens dos estilos EBM, *electro-industrial* e *futurepop* em festas e shows e a um aumento sistemático dos contatos virtuais não só com a cena local, mas com participantes de São Paulo, Rio de Janeiro e Portugal, entre outros.

Assim, após esta breve discussão sobre minha experiência nessa subcultura, é possível configurar a relação entre o pesquisador e o objeto de pesquisa e demarcar suas fronteiras de influência, principalmente, no que diz respeito às vivências *online* e *offline* da subcultura em questão. Isso, de certa forma, é incorporado ao tipo de enfrentamento teórico e metodológico do objeto.

Muitas problemáticas, mencionadas brevemente devido ao espaço limitado de um artigo, surgiram

nos rastros deste relato e merecem abordagens mais profundas em futuros estudos sugerindo, entre outras possibilidades: (a) uma problematização maior sobre a as TICs como artefatos culturais; (b) o aprofundamento sobre os conceitos de autoetnografia e sua transposição para o *online*; (c) os níveis de proximidade do pesquisador-*insider* com os sujeitos da pesquisa e as questões éticas dela decorrentes; (d) a controversa narrativa autonetnográfica e a condição biográfica do pesquisador; (e) novos usos, consumos e apropriações da *Web* pelas subculturas em suas transposições e reconfigurações midiáticas.

Referências

- AMARAL, A. 2007a. Categorização dos gêneros musicais na Internet – para uma etnografia virtual das práticas comunicacionais na plataforma social Last.fm. In: J. FREIRE FILHO; M. HERSCHMANN (orgs.). *Novos rumos da cultura da mídia. Indústrias, produtos e audiências*. Rio de Janeiro, Mauad, p. 227-242.
- AMARAL, A. 2007b. Cybersubculturas e cybercenos. Explorações iniciais das práticas comunicacionais electro-goth na Internet. *Revista FAMECOS*, 33:21-28.
- ANDERSON, C. 2006. *A cauda longa. Do mercado de massa para o mercado de nicho*. São Paulo, Makron Books/Editora Campus, 256 p.
- BADDELEY, G. 2005. *Goth Chic. Um guia para a cultura dark*. Rio de Janeiro, Rocco, 288 p.
- BELL, D.; KENNEDY, B.M. (eds.). 2000. *The cybercultures reader*. New York, Routledge, 800 p.
- BOYD, D.M.; ELLISON, N.B. 2007. Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1). Acessado em: 20/12/2007, disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>.
- CAIAFA, J. 2007. *Aventura das Cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 184 p.
- CASALEGNO, F (org.). 2006. *Memória Cotidiana. Comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre, Sulina, 304 p.
- CASPARY, C.; MANZENREITER, W. 2003. From subculture to cybersubculture? The Japanese Noise alliance and the Internet. In: N. GOTTLIEB; M. McLELLAND (eds.), *Japanese cybercultures*. New York, Routledge, p. 60-74.
- CHANG, H. 2007. *Autoethnography as method*. Arizona Press University, 288 p.
- DEPECHE, L. 2007. Overclock Zine comemora sua terceira edição. *Fiberonline*, São Paulo, 2 de out. Acessado em: 05/10/2007, disponível em: <http://fiberonline.uol.com.br/informacao.php?id=2908&ndet=1>.
- DICKS, B; MASON, B. 1998. Hypermedia and ethnography: Reflections on the construction of a research approach. *Sociological Research Online*, 3(3). Acessado em: 10/05/2007, disponível em: <http://www.socresonline.org.uk/3/3/3.html>.
- ESPINOSA, H. 2007. Interstícios de sociabilidad: una auto-etnografía del consumo de TIC. *Athenea Digital*, 12:272-277. Acessado em: 15/01/2008, disponível em: <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/448>.
- FORTE, M. 2005. Centring the Links: Understanding cybernetic patterns of co-production, circulation and consumption. In: C. HINE (ed.), *Virtual Methods*. New York, Berg, p. 93-106.
- FREIRE FILHO, J. 2007. *Reinvenções da resistência juvenil. Os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro, Mauad, 175 p.
- HINE, C. (ed.). 2005. *Virtual methods*. New York, Berg, 242 p.
- HINE, C. 2000. *Virtual ethnography*. London, Sage, 224 p.
- HODKINSON, P. 2005. "Insider research" in the study of youth cultures. *Journal of Youth Studies*, 18:131-149.
- HODKINSON, P. 2002. *Goth: identity, style, and subculture*. New York, Palgrave, 288 p.
- JENKINS, H. 1992. *Textual poachers: Television fans and participatory culture*. New York, Routledge, 333 p.
- KOZINETS, R. 2007. "Netnography 2.0". In: R. BELK, (ed.), *Handbook of qualitative research methods in marketing*. Northampton, Edward Elgar Publishing, 302 p.
- KOZINETS, R. 2002. The field behind the screen: Using netnography for marketing research in online communities. *Journal of Marketing Research*, 39:61-72.
- LIONNET, F. 1989. *Autobiographical voices: Race, gender, self-portrait*. Ithaca, Cornell University Press, 249 p.
- MAFFESOLI, M. 1999. *No fundo das aparências*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Vozes, 350 p.
- MARKHAM, A. 1998. *Life online: Researching real experience in virtual space*. Walnut Creek, Altamira Press, 200 p.
- MASON, B. 1996. Moving toward virtual ethnography. *American Folklore Society News*, 25(2). Acessado em: 05/05/2007, disponível em <http://www.ucs.mun.ca/~bmason/phd/afsnews.html>.
- MONTARDO, S.; PASSERINO, L. 2006. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, 4(2):1-10.
- MONTARDO, S.; ROCHA, P. 2005. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. *E-Compós*, 4(10). Acessado em: 02/05/2007, disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/55/55>.
- MORIN, E. 1999. *O Método. Volume 3 — o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre, Sulina, 309 p.

MUNCEY, T. 2005. Doing autoethnography. *International Journal of Qualitative Methods*, 4(5). Acessado em: 20/01/2008, disponível em http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/4_1/pdf/muncey.pdf

PERNIOLA, M. 2005. *O sex appeal do inorgânico*. São Paulo, Estúdio Nobel, 152 p.

REDA, M. 2007. Autoethnography as research methodology? *Academic Exchange Quarterly*, March 22. Acessado em: 10/01/2008, Disponível em: <http://www.thefreelibrary.com/Autoethnography+as+research+methodology%3f-a0165912665>.

RUSSEL, C. 1999. *Experimental Ethnography. The work of film in the age of video*. Durham, Duke University Press, 370 p.

SÁ, S. 2002. Netnografias nas redes digitais. In: J. AIDAR (org.), *Crítica das práticas midiáticas - da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo, Hacker, Vol. 1, p. 147-164.

SHAH, N. 2005. Playblog: Pornography, performance and cyberspace. *Cut-up.com Magazine*, 25(42). Acessado em: 05/09/2007, Disponível em <http://www.cut-up.com/news/detail.php?sid=413>.

STRANGELOVE, M. 2007. Virtual video ethnography: Towards a new field of Internet cultural studies, *Revista Interin*, 3. Acessado em: 20/06/2007, disponível em: http://www.utp.br/interin/artigos/art_livre_01_strangelove.pdf.

WALL, S. 2006. An autoethnography on learning about autoethnography. *International Journal of Qualitative Methods*, 5(2). Acessado em: 25/02/2008, disponível em: http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5_2/pdf/wall.pdf.

WARD, M. 2006. Thoughts on blogging as an ethnographic tool. In: Annual ascilite conference: Who's learning? Whose technology?, 23, Sydney, 2006. *Anais...* Sydney, The University of Sydney, p. 843-851. Acessado em: 18/01/2008, disponível em: http://www.ascilite.org.au/conferences/sydney06/proceeding/pdf_papers/p164.pdf.

ZAGO, G. 2008. Dos blogs aos microblogs. Aspectos históricos, formatos e características. In: Congresso Nacional de História da Mídia, VI, Niterói, 2008. *Anais...* Niterói, UFF, p.01-12.

Sites consultados

BLOG PALAVRASECOISAS. Acessado em: 10/01/2008, disponível em: <http://palavrasecoisas.blogspot.com>.

BLOG PROJETO DMONIA. Acessado em: 10/01/2008, disponível em: <http://projetodmonia.blogspot.com>.

FACEBOOK. Acessado em: 12/01/2008, disponível em: <http://www.facebook.com>.

FIBERONLINE. Acessado em: 20/12/2007, disponível em: <http://www.fiberonline.com.br>.

MYSPLACE. Acessado em: 03/01/2008, disponível em: <http://www.myspace.com>.

ORKUT. Acessado em: 07/01/2008, disponível em: <http://www.orkut.com>.

OVERCLOCK ZINE. Acessado em: 05/01/2008, disponível em: <http://overclockzine.blogspot.com>.

PAUL HODKINSON. Acessado em: 01/09/2007, disponível em: <http://www.paulhodkinson.co.uk/>.

POABEAT. Acessado em: 10/09/2007, disponível em: <http://www.poabeat.com.br>.

REJEKTO. Acessado em 15/01/2008. <http://br.goups.yahoo.com/group/rejekto>.

TWITTER. Acessado em 10/01/2008, disponível em: <http://www.twitter.com>.

Submetido em: 02/10/2008

Aceito em: 22/12/2008